

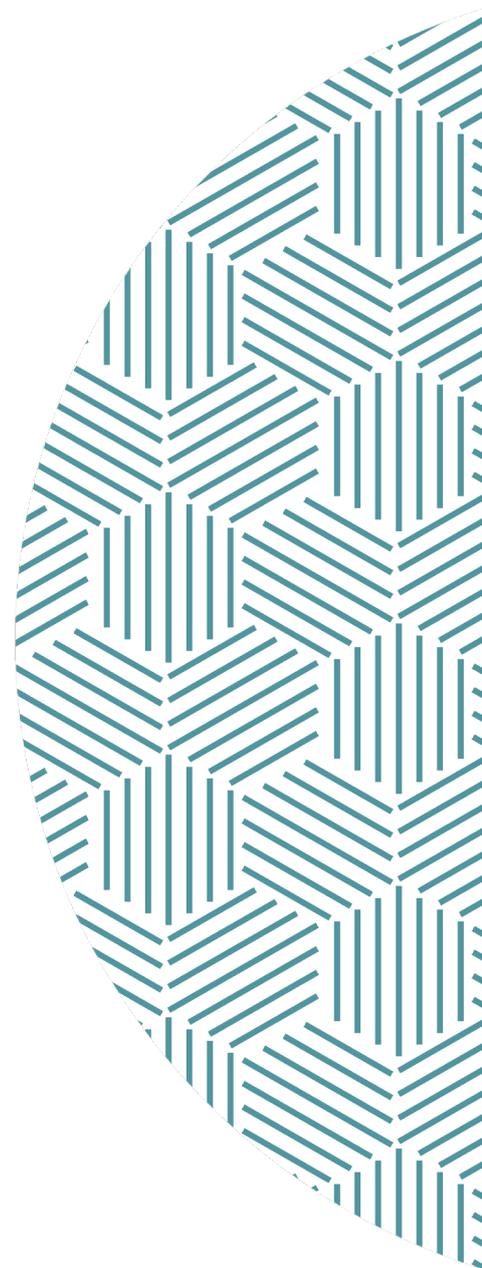
# Do ponto de vista da mulher: um empreendimento antropológico inovador

*Fabiane Vinente*

Doutora em Antropologia Social e pesquisadora no  
Instituto Leônidas & Maria Deane, Fundação  
Oswaldo Cruz.

E-mail: [fabiane.vinente@fiocruz.br](mailto:fabiane.vinente@fiocruz.br)

ORCID: [orcid.org/0000-0003-0616-8800](https://orcid.org/0000-0003-0616-8800)



## Resumo

Resenha da obra *Umbigo do mundo*, de Francy Baniwa e Francisco Baniwa, com ilustrações de Frank Baniwa.

**Palavras-chave:**  
Povos indígenas;  
Noroeste Amazônico;  
Alto Rio Negro;  
Baniwa; Literatura  
Indígena.

## Abstract

Review of *Umbigo do mundo*, by Francy Baniwa and Francisco Baniwa, with illustrations by Frank Baniwa.

**Keywords:**  
Indigenous people;  
Northwest Amazon;  
Upper Rio Negro;  
Baniwa; Indigenous  
Literature.

## Resumen

Reseña de *El ombligo del mundo*, de Francy Baniwa y Francisco Baniwa, con ilustraciones de Frank Baniwa.

**Palabras clave:**  
Pueblos indígenas;  
Noroeste del  
Amazonas; Alto  
Río Negro; Baniwa;  
Literatura indígena.

Os livros de narrativas mitológicas indígenas, especialmente na região do Noroeste Amazônico, tornaram-se ao longo dos anos um gênero de literatura que cumpre um importante papel no registro dos conhecimentos e na elaboração desses como expressão de um discurso dos indígenas sobre si mesmos. Contudo, *Umbigo do mundo*, de Francy Baniwa e Francisco Baniwa, é um empreendimento diferente ao enfrentar questões que refletem a caminhada histórica dos povos indígenas e sua relação com a academia.

Para entender a importância desse livro no cenário brasileiro da literatura etnológica, é necessário fazer uma pequena digressão. Em 1980 foi lançada a primeira edição de *Antes o Mundo Não Existia*, livro de narrativas dos Desana do clã Kenhiri Porã, assinado por Tōramu Kehiri (Luiz Lana) e seu pai, Umusi Pārōkumu, ou Firmiano Lana, com a assistência de Berta Ribeiro (Lana; Lana, 1980). Pela primeira vez no Brasil, uma antropóloga e dois indígenas se reuniam para colocar no papel as narrativas da cosmologia de um povo indígena em termos simétricos, rompendo com a clássica dicotomia pesquisador/objeto de pesquisa e articulando sujeitos que colaboravam entre si, cada um com sua expertise: a escrita e o domínio técnico da edição pela antropóloga, as narrativas por Firmiano e a tradução para o português por Luiz.

Tal formato de autoria compartilhada, com um homem conhecedor, narrando para um antropólogo com a intermediação da tradução de seu filho mais versado no português, foi reproduzido nos anos seguintes: em 1995 a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN reeditou *Antes o Mundo Não Existia*, transformando-o no primeiro volume da coleção *Narradores Indígenas do rio Negro*, com o apoio do Instituto Socioambiental (Lana; Lana, 1995)<sup>1</sup>. Atualmente a coleção está em seu nono volume, com edições dedicadas às narrativas do clã Tariano Koiwate (Jesus; Jesus; Aguiar, 2018). A coleção também contemplou, além das narrativas dos citados Desana Kenhiri Porã, as dos clãs Desana Wari Dihputiro Porã – volumes 2 e 8 (Fernandes; Fernandes 1996; 2006) e Guahari Dihputiro Porã – volume 7 (Galvão; Galvão, 2004). Outros volumes trazem as narrativas dos Baniwa Hohodene e Walipere Dakenai – volume 3 (Cornelio et al, 1999), dos Tukano Hausirō Porã e Oyé – volumes 5 e 6 (Azevedo; Azevedo, 2003 e Maia; Maia, 2004) e dos Tariano Kabana Idakena Yanapere – volume 4 (Barbosa et al, 2000).

Geraldo Andreollo (2010: 7) defende que o uso da escrita e do assessoramento de antropólogos para produzir livros são uma ferra-



Baniwa, Francy Fontes.  
*Umbigo do mundo: mitologia, ritual e memória* = Hiiipana, eeno hiepolekoa: baniwa waliperedakeenai. Narrado por Francisco Luiz Fontes Baniwa. Ilustração de Frank Fontes Baniwa. Rio de Janeiro, RJ: Dantes, 2023.

1. *Antes o Mundo Não Existia* foi um fenômeno editorial: traduzido para inglês, espanhol e italiano, pouco se sabe das edições internacionais por falta de registro destas pelo autor Luiz (seu pai, Firmiano, faleceu na década de 1990). Para citar um exemplo, em 2010, quando eu fazia trabalho de campo em São Gabriel da Cachoeira, Luiz Lana me pediu ajuda para cobrar uma editora em Palma de Maiorca que, na década de 2000 havia editado o livro, mas não havia pagado o percentual combinado para ele. Apesar de conseguir contato por e-mail com a editora, o valor não foi enviado. Em uma demonstração de sua vitalidade, recentemente *Antes o Mundo não Existia* ganhou duas novas edições: a editora carioca Dantes o relançou em 2019 com desenhos inéditos de Luiz Lana e com uma revisão cuidadosa de algumas terminologias em português relacionadas à cosmologia Desana (Lana; Lana, 2019). Em 2021 uma quarta edição

menta de atualização de diferenças entre clãs “ao longo de um processo histórico em que as práticas rituais que criavam as ocasiões para a re-iteração das diferenças sociais a partir de falas e diálogos cerimoniais foram progressivamente abandonadas”. O mesmo autor, contudo, avisa para que não percamos de vista que os livros também refletem o adensamento e expansão incessante da relação desses povos com os não indígenas, um processo que se intensificou a partir do século XVIII.

Um aspecto importante dessa literatura é que ela apresenta projetos de compartilhamento dos saberes indígenas fora do âmbito dos especialistas xamânicos, acessível a um público não acadêmico, mas por outro lado fugindo da insistente infantilização das narrativas indígenas, tão comuns no mercado editorial brasileiro, que costuma reduzir cosmogonias a “lendas”. Tal perspectiva avança, anos depois, para materiais de autoria exclusivamente indígena, nos quais a assistência de antropólogos ou editores não indígenas representa um papel bem mais reduzido: é o caso do livro de Gabriel dos Santos Gentil (Tukano) *Povo Tukano: cultura história e valores*, de 2005.

Importante notar que se trata sempre de uma literatura produzida por homens indígenas, eventualmente com a assistência de antropólogas (como foi o caso de Berta Ribeiro e Dominique Buchillet), o que ajuda a entender porque *Umbigo do mundo* é um empreendimento tão singular, pois aqui é uma mulher antropóloga indígena quem lidera a escrita como autora: Francineia Bitencourt Fontes, ou Francy Baniwa, ao lado de seu pai, Francisco Fontes Baniwa e do irmão, Frank Fontes Baniwa, que ilustra o livro com belas aquarelas.

Embora a presença de mulheres indígenas no ensino superior no Brasil não seja algo novo, foi somente na última década que vimos uma maior profusão da incursão delas nos programas de pós-graduação Brasil afora. Escritoras indígenas como Braulina Baniwa, Jozileia Kaingang e Lucinha Tremembé (2020) lançaram suas experiências por meio de livros, além de artigos, textos para *blogs*, jornais e revistas, entretanto narrativas de origem por mulheres indígenas ainda são raras. Francy faz parte desse movimento, sendo *Umbigo do mundo* uma versão da dissertação de mestrado em Antropologia Social defendida no Museu Nacional em 2019 (Fontes, 2019).

Apesar de sua origem acadêmica, o livro tem uma escrita avessa aos padrões academicistas, alternando reflexões pessoais da autora, aprendizados e informações contextuais, com as narrativas de origem

da obra, sem grandes alterações em relação à versão de 1980, foi lançada pela editora manauara Valer (Lana; Lana, 2021).

na versão do clã Waliperedakeenai (Netos das Sete Estrelas), dos Baniwa, povo de língua Arawak, habitante da Bacia do Içana<sup>2</sup>.

O tamanho continental do território Baniwa é um fator de diversificação histórica, linguística e social. Segundo Ramirez (2001), a língua Baniwa se divide em três superdialetos, cada um deles com suas variações internas: Central (falado acima da Comunidade de Assunção do Içana até Matapi, no rio Içana) e seus afluentes (Aiari e Cudiari), Setentrional (Alto Içana, Guaiania e Cabeceira do Cuiari) e meridional (Cuiari, na Venezuela). Além desses, a ação missionária dos salesianos na região do rio Negro até Assunção disseminou o uso da chamada língua geral, o Nheengatu. Ter em vista esse mosaico cultural complexo ajuda a entender por que a autora opta por manter alguns termos nas línguas indígenas nheengatu e baniwa ao longo do texto, devidamente explicadas em sua maioria por notas de rodapé, além de uma nota de pronúncia e grafia de baniwa e nheengatu no final.

Além da “Abertura”, denominada pela autora de *Lideñoakawa*, o livro está dividido em seis capítulos e um apêndice denominado Nokitsiena Iako (palavras dos meus parentes), no qual a autora comenta os relatos de cerimônia de iniciação baniwa.

O primeiro capítulo fala do surgimento de *Hekoapi*, o conceito baniwa de Universo, com seus quatro níveis. As únicas pessoas com a capacidade de transitar entre essas dimensões seriam os *maadzero*, os especialistas xamânicos, através do paricá, do rapé e dos sonhos. A primeira versão deste mundo, ainda limitada, é iniciada com o surgimento dos habitantes primordiais, os *Hekoapinai*, e seus antagonistas, os *Eenonai*, descritos como “animais-humanos”. Essas interações envolvem guerras e alianças, cujo desenvolvimento vai ampliando e complexificando o mundo a cada evento cósmico.

Tudo começa com o dabucuri, cerimônia festiva de troca de dádivas, que Oomawali (Sucuri) oferece a Maami (o Inambu), no qual as filhas de Oomawali se interessam pelo lindo Oomawali e combinam de se mudar para junto dele. Para infelicidade dos amantes, Waliitsi (o Gambá), inimigo de Maami, com inveja do seu sucesso, elabora uma estratégia para desviar o caminho, levando as duas moças para sua própria casa.

Depois de uma série de eventos funestos envolvendo a tentativa de Maami de reaver as mulheres, ele acaba morto. Seus ossos, porém, são utilizados como elementos para o surgimento de novos seres. Assim surgem os irmãos *tricksters* Ñaperikoli, Heeri e Mawirokoli, os

2. A Bacia do Içana é um complexo formado por vários rios que abrange Brasil, Venezuela e Colômbia e que em território nacional ocupa 3.487.791,5 hectares integralmente inseridos na Terra Indígena Alto Rio Negro. O Rio Içana nasce na Colômbia e possui 696 km de extensão. Um trecho de 110 km de seu curso percorre a linha de fronteira Brasil-Colômbia. No Brasil, cerca de 83 comunidades Baniwa (e Koripako) se distribuem pela bacia do Içana, formando uma população aproximada de 5.100 pessoas. (PGTA Nadzoeri, 2021: 14).

*Hekoapinai*, que depois de um processo de transformações ganham autonomia e elaboram uma forma de vingar o pai Maami. O capítulo se encerra com a morte dos Eeonai pela ação de Ñaperikoli. A partir daí as narrativas apontam para este personagem assumindo o papel de protagonista da criação do Universo, ainda repleto de conflito e de hostilidade.

O segundo capítulo conta as narrativas de origem de Kowai, uma figura fundamental para o complexo cultural dos povos Arawak setentrional ao estabelecer as bases dos processos iniciáticos dos jovens (Wright, 2017). O nascimento de Kowai, o ser que tem todos os sons do mundo em seu corpo, altera a ordem das coisas até então existentes. As mulheres ainda não possuíam vagina e a fecundação de sua mãe, Amaro, por Ñaperikoli, se dá pelo pensamento, a ferramenta por excelência dos xamãs.

A segunda parte da narrativa fala das interações entre Kowai e os proto-humanos, filhos de Malinali, os *malinarieni*, a quem Kowai tenta ensinar a fazer o *kalidzamai* (rito iniciático) através de orientações sobre comportamento e jejuns. Apesar das recomendações, os jovens o desobedecem e por isso acabam engolidos por ele, gerando um novo ciclo de vingança quando os pais dos jovens decidem matar Kowai, contando com a ajuda de Ñaperikoli. A epopeia de Kowai se encerra com o aviso sobre seu retorno futuro em outras formas.

O capítulo seguinte narra o conflito cósmico que se desenrola a partir da apropriação feita pelas mulheres dos instrumentos xamânicos, identificados como animais sagrados. A autora defende o uso do termo animais no lugar de “flautas”, que seria a forma como esses objetos aparecem tanto nas etnografias elaboradas por antropólogos não indígenas quanto em outras narrativas de conhecedores tradicionais, por considerar que tal uso empobrece sua agência (Baniwa; Baniwa, 2023: 102-3).

Como todos os demais eventos de guerras primordiais, esse também estabelece elementos concretos e sociais que vão permanecer para a humanidade posteriormente, o que faz a autora afirmar que tais histórias estão vivas por fazerem parte do cotidiano das pessoas. A perseguição das Amaronai (Amaro e suas irmãs/filhas) por Ñaperikoli, para evitar o monopólio das mulheres sobre os conhecimentos sagrados, institui eventos marcantes como a menstruação feminina, doenças próprias do corpo feminino e a interdição das mulheres em olhar para os animais sagrados.

O capítulo quatro aborda a dimensão das práticas de cultivo e alimentação dos Baniwa a partir do mito de Kaali, ser primordial cujo corpo se originaram as manivas (*Manihot esculenta*), base do sistema alimentar do rio Negro (Empeaire, 2009). Depois da destruição do mundo através de um grande incêndio, cujo objetivo seria diminuir a quantidade de animais peçonhentos para possibilitar a vida da futura humanidade, Ñaperikoli elege Kaali como o dono das roças, que até então produziam alimento de forma autônoma, sem a necessidade de esforço ou trabalho humano.

Uma das noras de Kaali, curiosa, resolve então verificar como que esses eventos misteriosos ocorriam, apesar da proibição expressa do sogro de que ninguém visse o processo de colheita. Quando ela se esconde para acompanhar como o aturá (cesto de transporte) ficava cheio de manivas, imediatamente as coisas da roça perdem sua agência e tornam-se como são hoje em dia: a mandioca precisa ser cultivada, arrancada e descascada pela ação humana, e o aturá passa a depender das pessoas para ser transportado, no caso, pelas mulheres, como uma espécie de castigo por sua curiosidade.

A narrativa prossegue dando conta do conflito doméstico envolvendo o ciúme da mulher de Kaali com a proximidade dele com a nora, a quem este tentava instruir, culminando com a saída de Kaali de casa, não antes de deixar uma forma de produzir alimento para que os filhos mais novos não passassem fome.

Posteriormente Kaali retorna para a casa para ensinar seus filhos a fazerem a roça com a queimada, condição para fertilidade do solo, mas recomenda que um dentre eles deveria ser empurrado para dentro do fogo para que tudo saíssem a contento, o que é feito, instituindo-se assim um novo tempo em que a humanidade passa a dominar a tecnologia de produção de alimentos.

As mulheres são novamente acusadas de serem causadoras de problemas pelo seu comportamento intempestivo: ao se depararem com uma roça exuberante criada pelas instruções de Kaali, uma delas teria urinado no chão, dando origem às plantas daninhas, algo que aumenta o trabalho das mulheres, que devem sempre capinar a roça para manterem-na limpa desde então.

Esse capítulo possui uma particularidade que, em parte, é um dos motivos pelos quais ele é uma ferramenta de projeto epistemológico diverso de outros livros de narrativas do alto rio Negro: a auto-

ra comenta, em uma das suas notas, que escutou várias versões dessa narrativa, lembrando que a única que atribuía a responsabilidade à curiosidade dos homens – e não só das mulheres – nos eventos que provocaram o fim do tempo em que o trabalho humano não era necessário foi a de uma mulher, sua tia Bibiana, algo que remete às diferenças de perspectivas de gênero quando relacionadas às cosmologias ameríndias. Murphy e Murphy (1974:13) observaram esses olhares diferenciados entre os Munduruku. A constatação de que homens e mulheres podem ter visões diferentes sobre uma mesma instituição, embora aparentemente óbvia, ainda encontra alguma dificuldade em ser aceita nas etnografias dos povos ameríndios, o que nos deixa pensar que a dicotomia entre assuntos “masculinos” (guerra, rituais, normas) e “femininos” (nutrição, domesticidade) ainda é muito presente. Como demonstra Francy Baniwa, tais discrepâncias não necessariamente são conflituosas, podendo construir visões mais complexas das questões da tradição, mas reconhecê-las é um dos méritos de seu trabalho.

O quinto capítulo apresenta um compilado de onze narrativas que explicam aspectos do mundo, das quais comentaremos apenas a primeira, que trata da guerra cósmica oriunda da vingança de Ñaperikoli pelo assassinato de seu irmão pelos Eeonai. Como demiurgo, Ñaperikoli não faz um enfrentamento aberto, mas usa de subterfúgios, acionando sua agência sobre outros seres e sobre seu próprio corpo, para confundir e enganar seus inimigos sempre que possível: um exemplo é quando ele mata Koonawheri, o avô do timbó e líder dos Eeonai, em retaliação, flechando-o com dardos envenenados enquanto fingia tentar flechar seu xerimbabo (bicho de estimação) Kamatha, o gavião real, originado dos ossos e coração do irmão morto.

O capítulo final trata da origem da humanidade no buraco da cachoeira de Hiipana, no rio Aiari, onde os chefes de cada clã Baniwa teriam recebido seus territórios e atribuições rituais. Também é nesse momento que Ñaperikoli decide expulsar os ancestrais dos Yalanawinai, os não indígenas, para longe, por conta de sua natureza autoritária e agressiva.

O livro se encerra com um apêndice chamado de “Nokitsiena Iako: palavras dos meus parentes - Kalidzamai do meu pai, do meu irmão e das minhas tias”, em que a autora descreve os ritos de iniciação *kalidzamai* entre homens e mulheres de sua própria família, mais uma vez dando um espaço incomum para as mulheres em seu escrito.

Ao abordar a política da escrita dos povos até então alocados na economia do conhecimento como passivos, Grada Kilomba destaca que questões de autoria estão no cerne do que se convencionou chamar de “decolonização da academia”. Diz ela:

Eu sou quem escreve minha própria história e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. [...] enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha própria história. Neste sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou (Kilomba, 2019: 28).

Ao colocar no papel o que ouviu de seu pai, Francy e seu irmão, que empresta suas cores e traços para ilustrar essas narrativas, ajudam a estabelecer um novo patamar de projeto epistemológico indígena. Se escrever é um ato de decolonização, os autores vão além, tensionando papéis estabelecidos tanto pela academia quanto pela tradição: primeiro com uma dissertação de mestrado que não é o produto de um esforço individual, mas um projeto de um coletivo ligadas por laços de consanguinidade.

Segundo, com uma antropóloga indígena que não “vai ao campo”, momento tão simbólico da autoridade da disciplina antropológica – “você estava lá porque eu estava” citado por Clifford (2008: 26-7) –, pois ela nasceu nesse campo e é parte dele. Sua forma de interação com esses sujeitos é completamente diversa daquela que um antropólogo não indígena estabelece. A antropologia ocupa um papel até então insuspeito, ao ser ela, ao mesmo tempo, uma ferramenta de acesso desses jovens pesquisadores aos conhecimentos tradicionais dos mais velhos e uma via de valorização interna desses conhecimentos (Vinente, 2012).

Essa reconfiguração dos papéis no empreendimento etnográfico também repercutem na necessidade de enfatizar compromissos éticos que tal forma de fazer ciência demanda, como a autora deixa claro, e que passam por questões como fidelidade ao que foi ouvido, um processo de tradução de ideias muito além do comum pois é atravessado por laços de pertencimento (Baniwa; Baniwa, 2023: 26-7).

Para Francy e sua família, o livro sobre narrativas se sustenta num esforço em “manterem-se vivos” através do registro sobre como as coisas são e como chegaram a ser, um exercício de reflexividade no qual a antropologia é convidada a ocupar um lugar novo, a serviço dos projetos de autonomização dos saberes indígenas.

## Referências

- Andrello, Geraldo. 2010. Falas, objetos e corpos: Autores indígenas no alto rio Negro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25 (73).
- Azevedo, Miguel [Ñahuri]; Azevedo, Antenor [Kumarõ]. 2003. *Dahsea Hausirõ Porã ukushe wiophesase merã bueri turi*. Mitologia dos Tukano Hausirõ Porã. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 5)
- Baniwa, Braulina; Kaingang, Jozileia; Tremembé, Lucinha (Org). 2020. *Vivências diversas: uma coletânea de indígenas mulheres*. São Paulo: Hucitec. (Diálogos da diáspora; 6)
- Baniwa, Franci Fontes. *Umbigo do mundo: mitologia, ritual e memória = Hiipana, eeno hiepolekoa: baniwa waliperedakeenai*. Narrado por Francisco Luiz Fontes Baniwa. Ilustração de Frank Fontes Baniwa. Rio de Janeiro, RJ: Dantes, 2023.
- Barbosa, Manuel M [Kedali], Garcia, Adriano M [Kali; Garcia, Pedro [Pukutha]; Garcia, Benjamin [Kali]. 2000. *Upíperi Kalísi - Histórias de Antigamente - Histórias dos antigos Taliaseri-Phukurana*. Versão do clã Kabana-idakena-yanapere. São Gabriel da Cachoeira: Unirva/Foirn (Coleção Narradores do Rio Negro, v. 4)
- Clifford, James. 2008. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Cornelio, José Marcellino. et al. 1999. *Waferinaipe Ianheke: a sabedoria dos nossos antepassados: histórias dos Hohodene e dos Walipere-Dakenai do rio Aiari*. São Gabriel da Cachoeira: Associação das Comunidades Indígenas do Rio Aiari; Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 3).
- Emperaire, Laure (Org.). 2009. *Dossiê de registro do Sistema agrícola tradicional do Rio Negro como patrimônio imaterial do Brasil*. Brasília: Iphan/IRD.
- Fernandes, Américo Castro [Diakuru]; Fernandes, Durvalino Moura [Kisibi]. 2006. *Bueri Kādiri Maririye. Os ensinamentos que não se esquecem*. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT; FOIRN (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 8).
- Fernandes, Américo Castro [Diakuru]; Fernandes, Durvalino Moura [Kisibi]. 1996. *A mitologia sagrada dos Desana Diputiro Porã*. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 2).
- Fontes, Francinéia Baniwa. 2019. *Hiipana, Eeno Hiepolekoa: Construindo um pensamento antropológico a partir da mitologia Baniwa e de suas transformações*. Dissertação de Mestrado, UFRJ. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Galvão, Wenceslau C. [Tõrãmu]; Galvão, Raimundo Castro [Ñi Guahari Ye]. 2004. *Livro dos antigos Desana – Guahari Diputiro Porã*. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN; Comunidade do Pato no Médio Rio Papuri: Onirnp. (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v.7).
- Gentil, Gabriel. 2005. *O povo Tukano: cultura, história e valores*. Manaus: EDUA.
- Jesus, Adriano de [Kui]; Jesus, Pedro de [Pukutha]; Aguiar, Luís [Kuenaka]. 2018. *Ennu ianáperi: história dos Tariano pelo clã Khoivate*. São Gabriel da Cachoeira: Coidi - Coordenadoria das Organizações Indígenas do Distrito de Iauaretê: Foirn - Federação das Organizações Indígenas

do Rio Negro (Coleção narradores indígenas do Rio Negro; v. 9).

Kilomba, Grada. 2019. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.

Lana, Firmiano Arantes. [Umusi Pārōkumu]; Lana, Luiz Gomes. [Tōrāmu Kehíri]. 1980. *Antes o Mundo Não Existia. Mitologia dos antigos Desana-Kehíripōrã*. Rio de Janeiro: Editora Cultura.

Lana, Firmiano Arantes. [Umusi Pārōkumu]; Lana, Luiz Gomes. [Tōrāmu Kehíri]. 1995. *Antes o Mundo Não Existia. Mitologia dos antigos Desana-Kehíripōrã*. 2. ed. São Gabriel da Cachoeira: Unirt/Foirn (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 1)

Lana, Firmiano Arantes. [Umusi Pārōkumu]; Lana, Luiz Gomes. [Tōrāmu Kehíri]. 2019. *Antes o Mundo Não Existia. Mitologia dos antigos Desana-Kehíripōrã*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Dantes.

Lana, Firmiano Arantes. [Umusi Pārōkumu] e Lana, Luiz Gomes. [Tōrāmu Kehíri]. 1995. *Antes o Mundo Não Existia. Mitologia dos antigos Desana-Kehíripōrã*. 4 ed. Manaus: Editora Valer, 2021.

Maia, Moisés [Akîto] e Maia, Tiago [Kî'máro]. 2004. *Isã Yékisimia Masíke' - O conhecimento de nossos antepassados: Uma narrativa Oyé*. São Gabriel da Cachoeira: Coidi/Foirn. (Coleção Narradores do Rio Negro, v. 6).

Murphy, Yolanda; Murphy, Robert. 1974. *Women of the Forest*. New York: Columba University Press.

Nadzoeri. 2021. *PGTA Nadzoeri: Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Organização Baniwa e Koripako*. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA.

Ramirez, Henri. 2001. *Dicionário Baniwa*. Manaus: Edefam.

Vinente, Fabiane. 2012. Perspectivas relacionais sobre o conhecimento e a autoridade etnográfica no alto rio Negro. *Campos*, 13(1): 41-60.

Wright, Robin. 2017. As Tradições Sagradas de Kuwai entre os povos Aruaque setentrionais: estruturas, movimentos e variações. *Mana*, 23(3): 609-652.